



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED – Huíla

**Os Conflitos entre o Marrocos e a República Democrática Árabe
Saharui**

Autor: Adelino Anastácio Kaiove Francisco

Lubango

2022



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED – HUÍLA

Conflitos entre o Marrocos e a República Árabe Democrática Saharui

Trabalho de Fim de Curso Apresentado Para a
Obtenção do Grau de Licenciado em Ensino de
História

Autor: Adelino Anastácio Kaiove Francisco

Orientador: Ph.D. Narciso Félix José Nhululivali

Lubango

2022



Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla
ISCED – Huíla

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Tenho a consciência que a cópia ou plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base Eu, Adelino Anastácio Kaiove Francisco estudante do instituto superior de ciências da educação da Huíla (ISCED-HUÍLA) curso de ensino da História do departamento de ciências sociais, declaro, por minha honra ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante à minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 2021

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente à minha família, em especial aos meus pais, Filomena Kaiove e ao meu querido pai (*in memoriam*, aos meus irmãos;

Aos meus grandes amigos que fizeram de tudo para que esse trabalho se concretiza-se.

Agradecimentos

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio de um conjunto de pessoas. No entanto, gostava em primeiro lugar de poder agradecer aos meus familiares, de uma forma geral, que apoiaram-me nessa luta pela busca do conhecimento.

À todos os professores do departamento de ciências sociais, particularmente aos professores da secção de História que, com os seus saberes contribuíram durante o tempo da minha formação, não se esquecendo os meus colegas do 4º ano de História do ano 2017.

Agradeço de forma calorosa ao Professor Doutor Narciso Félix José Nhulilivali, pela disponibilidade em orientar este trabalho.

Aos meus amigos e colegas de serviço que me ajudaram moral e materialmente para alcançar os meus objectivos nesta longa jornada académica

Resumo

O Saara Ocidental é o único território continental africano que ainda não possui independência. O motivo é o processo histórico conturbado, associado a uma actuação errônea das Nações Unidas, o que provocou uma guerra de quinze anos e uma espera de quarenta anos para o povo saarauí, tanto os que vivem no território ocupado pelo Marrocos, como os que aguardam esse dia nos acampamentos de refugiados em Tindouf, na Argélia. Para fazer face ao problema levantado e tendo como suporte as literaturas especializada consultadas, traçamos como objectivo Geral o seguinte: Compreender os factores dos conflitos entre Marrocos e a República Democrática Árabe Saharui.

Para o nosso trabalho utilizamos três objectivos específicos: Descrever as causas dos conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental; Explicar a interferência dos actores regionais e internacionais nos conflitos entre Marrocos e Sahara Ocidental; enumerar as consequências do contencioso entre o Marrocos e o Sahara Ocidental. Os métodos utilizados foram: método histórico e comparativo e selecionamos as pesquisas bibliográfica e documental, e entrevista como instrumentos que visou a recolha de dados.

No entanto, constatou-se que, efectivamente, o conflito no território Saarauí iniciou em 1976, após a assinatura do Acordo de Madrid. O referido acordo representou, na prática, uma afronta ao princípio da autodeterminação dos povos, estabelecido pela Carta da ONU, em 1945. Desde o princípio do conflito, verifica-se que os interesses económicos, estratégicos e geopolíticos de importantes atores externos na região, principalmente da Espanha, França e Estados Unidos, fundamentaram a dinâmica que envolve a questão Saarauí.

Palavras-chave: Conflitos, Sahara Ocidental, Marrocos

Abstract

The Western Sahara is the only African mainland that does not have independence. The reason is the checkered history process associated to an erroneous action of the United Nations, which resulted in a fifteen-year war and forty years waiting for the Saharawi people, both those living in the territory occupied by Morocco as those waiting this day in refugee camps in Tindouf, Algeria. In order to deal with the problem raised and supported by the specialized literature consulted, we have outlined as general objective the following: To understand the factors of the conflicts between Morocco and the Arab Democratic Republic Saharui.

For our work we use three specific objectives: To describe the causes of conflicts between Morocco and Western Sahara; Explain the interference of regional and international actors in the conflicts between Morocco and Western Sahara; (e) list the consequences of the dispute between Morocco and Western Sahara. The methods used were: historical and comparative method and we selected bibliographic and documentary research, and interview as instruments aimed at data collection. However, it was found that, in fact, the conflict in Saaraui territory began in 1976, after the signing of the Madrid Agreement.

This agreement represented, in practice, an affront to the principle of self-determination of peoples, established by the UN Charter in 1945. Since the beginning of the conflict, it has been verified that the economic, strategic, and geopolitical interests of important external actors in the region, mainly from Spain, France and the United States, have underpinned the dynamics that surround the Saaraui issue.

Key Words: Conflicts, Western Sahara, Morocco

Índice

| | |
|---|-----|
| Dedicatória..... | i |
| Agradecimentos..... | ii |
| Resumo..... | iii |
| Abstract..... | iv |
| Introdução..... | 2 |
| CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 12 |
| 1.1 Estado da Arte..... | 12 |
| 1.4.1 Caracterização Geográfica da Região do Magrebe..... | 16 |
| 1.4.2 Caracterização Histórica do Sahara Ocidental..... | 16 |
| 1.4.3 A Resistência à Ocupação Espanhola..... | 18 |
| 1.4.4 A Espanha e a Colonização do Sahara Ocidental..... | 19 |
| 1.4.5 Os Acordos de Madrid..... | 21 |
| 1.4.6 Marcha Verde..... | 22 |
| CAPÍTULO II: O CONFLITO ENTRE MARROCOS E REPÚBLICA ÁRABE DEMOCRÁTICA SAHARAUI..... | 23 |
| 2.1 Causas dos Conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental..... | 23 |
| 2.3 A Frente Polisário e suas Reivindicações..... | 25 |
| 2.4 Actores intervenientes no Conflito..... | 26 |
| 2.4.1 Actores Externos..... | 27 |
| 2.4.2 Actores Regionais..... | 28 |
| 2.5 O Papel da União Africana (UA)..... | 29 |
| 2.6 A Posição da ONU Face os Conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental..... | 31 |
| 2.7 As Consequências dos Conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental..... | 33 |
| 3.1. População e Amostra..... | 37 |
| Conclusão..... | 41 |
| Sugestões..... | 42 |

INTRODUÇÃO

Introdução

A questão sobre quem efectivamente controla o território do Sahara Ocidental, ou quais forças antagónicas reivindicam o direito de ali exercer soberania é, justamente, o centro de atenção deste trabalho. Embora já contestado por outros, são basicamente dois os actores directamente envolvidos na disputa territorial. Por um lado, sendo uma unidade soberana internacionalmente reconhecida, tem-se o reino do Marrocos, que ocupa cerca de 85% do território a oeste, por onde se concentra a totalidade dos recursos naturais, contando ainda com a saída para o Atlântico.

O Sara Ocidental sempre foi habitado por tribos nómadas, dedicadas à pastorícia e ao comércio, cujas rotas em busca de oásis onde permanecer e encontrar água levavam-nas em movimentos pendulares pelo deserto do Sara, especialmente nos territórios dos actuais Mali, Mauritânia, Argélia e Marrocos. Historicamente, na região do Sara Ocidental, não se conhecem referências à existência de um Estado independente, nem indícios de qualquer organização de tipo estadual.

Após uma pequena compreensão da história da República Árabe Saharui, fez-se especial atenção ao factor geopolítico que permeia actual conjuntura. A evidenciação dos actores regionais e externos envolvidos directa e indirectamente no conflito é acompanhada pela justaposição de seus interesses na região, articulando-se com o sistema internacional.

A região do Magreb é também colocada em análise, buscando-se relacioná-la com o conflito, principalmente sob o ponto de vista do processo de securitização da região, que contribui decisivamente para o adiamento deste impasse. Deste modo, o presente trabalho tem como tema: ***O Conflito entre o Marrocos e a República Democrática Árabe Saharui.***

Justificação do Tema

A configuração social acima descrita é de extrema relevância, pois o discurso marroquino de reivindicação do território Saharui baseia-se num suposto laço “imemorial” de soberania entre o território do reino marroquino e do Saara Ocidental, apagando da memória histórica o facto de que o poder daquele e sua influência sobre a região foram altamente oscilantes. Este tema, revela-se importante; e despertou-nos interesse em abordá-lo uma vez que tem sido taxado de caso esquecido.

Problema de Investigação

Gil (2008) argumenta que problema científico é qualquer questão não resolvida, e que é objecto de discussão em qualquer domínio do conhecimento.

Deste modo, para a nossa pesquisa formulamos a seguinte questão: Que razões estão na base da dominação do Sahara Ocidental pelo Marrocos?

Objecto da Investigação

Conflitos entre o Marrocos e a República Árabe Democrática Saharui

Objectivo Geral

Compreender os factores dos conflitos entre Marrocos e a República Democrática Árabe Saharui.

Objectivo Específicos

- ✓ Descrever as causas dos conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental
- ✓ Explicar a interferência dos actores regionais e internacionais nos conflitos entre Marrocos e Sahara Ocidental
- ✓ Enumerar as consequências do contencioso entre o Marrocos e o Sahara Ocidental

Conceitos Chave:

Conflitos: É a expressão de uma incompatibilidade de posições ou interesses entre actores, ao nível intra ou supra estatal, não sendo, no entanto, sinónimo de confronto armado (Sousa, s/d).

Sahara Ocidental: O Sahara Ocidental, antiga colónia espanhola no Magrebe, de clima essencialmente desértico com a área de 266.000 km quadrados, situado a sul de Marrocos, fazendo fronteira a este e a Sul com a Mauritânia, com uma pequena faixa fronteira, a nordeste, com a Argélia e banhada a oeste pelo oceano atlântico, é um território cuja disputa pela soberania se prolonga há já quarenta anos (Gabriel, 2015).

Marrocos: Reino do Marrocos fica no noroeste da África com área de 710.850 km², banhado pelo mar Mediterrâneo e pelo oceano Atlântico. É o único país do continente africano que não faz parte da União Africana, porque Saara Ocidental foi aceite como membro. Com altitude média de 800 metros, o território compreende as principais cordilheiras e as maiores planícies do norte da África. Paralelamente ao Mediterrâneo ergue-se o conjunto de terras altas do Rif, cujas altitudes chegam próximo dos 2,5 mil metros¹.

Opção Metodológica

Podemos entender metodologia como um conjunto de procedimentos no qual os questionamentos são utilizados com critérios de carácter científico, para termos fidedignidade dos dados, envolvendo princípios e normas que possam orientar e possibilitar condições ao pesquisador, na realização de seus trabalhos, para que o resultado seja confiável e tenha maior possibilidade de ser generalizado para outros casos (Casarotto e Dill, 2006, p.12).

Para o estudo que pretendemos levar a cabo, utilizaremos os seguintes métodos:

Método Comparativo

Considerando que existem semelhanças e diferenças nos estudos dos diferentes tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método realiza comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento (Lakatos, 2011, p.92).

¹ Atlas National Geografic: Ásia. São Paulo: Ed. Abril, 2008.

Com este método, fizemos uma análise comparativa relativamente a conflitualidade existente entre Marrocos, a República Democrática Árabe Saharui e os conflitos que o continente tem presenciado; para melhor compreensão do presente estudo.

Método Histórico

Este método consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua importância na sociedade actual, pois as instituições alcançaram á sua forma actual por meio de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que actualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações (Boas *apud* Lakatos, 2011, p.93).

O método histórico nos possibilitou-nos fazer um breve recurso a história da região magrebina em geral e do Sahara Ocidental em particular as razões da dominação marroquina ante o Sahara Ocidental.

Técnica/Instrumentos de recolha de informações

Entrevista

A entrevista é uma conversação efetuada face a face de maneira metódica e seu objetivo é o de proporcionar ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária. É, portanto, uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados sobre um determinado tema. Para maior segurança e fidedignidade, elas devem ser gravadas e depois transcritas. Quando utilizadas para comprovação de dados ou complementação de trabalhos académicos devem figurar como apêndices do trabalho de pesquisa (Martins, 2010, p. 88).

Tipos de Pesquisa

Pesquisa Bibliográfica

Pesquisa bibliográfica é a etapa da pesquisa em que o pesquisador faz a busca dos referenciais teóricos pertinentes à questão-problema do seu estudo. Essa busca é realizada em materiais como livros, periódicos e jornais científicos

impressos ou digitais localizados em bibliotecas ou em base de dados (Moura, 2015, p.10).

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Estado da Arte

O Conflito entre o Marrocos e a República Árabe Democrática Saharui, é apenas um dos vários desentendimentos intraestatal que África viveu e vive desde ao alcance das independências até a data actual. Neste sentido, para que à nossa abordagem fosse mais concisa recorreremos a alguns autores que já abordaram sobre este tema. Dentre os quais destacamos:

Farieta e *tal* (2009); López (2011); Smolarek (2013); S/A (2014); Estrada (2014); Balduino (2015);

No artigo de Fernando González Farieta, Maria Fernanda Penagos Forero e Mayden Yolima Solano Jiménez (2009) com o tema: *O Papel Da ONU no Conflito do Sahara Ocidental*. É um obra que trata como o conflito do Sahara Ocidental começou, e percebemos que foi nesta época colonial que o continente africano viveu, foi o marco deste conflito, principalmente na década de Setenta, onde os colonizadores dividiram aquela região “magrebina” em duas partes. Neste artigo, também foi notório que este conflito é caracterizado por duas tendências e, em vários momentos os contendores se apresentam completamente irreconhecíveis, por causa dos interesses das duas partes nomeadamente: Marrocos e pela própria República Árabe Saharaui Democrática (RASD).

Emiliano Gómez López (2011) *na sua obra com o título: A República Saharui, uma história de luta anticolonialista*, percebemos que o processo de colonização espanhola no Sahara Ocidental começou em 1882 e baseou-se em duas razões principais: a primeira foi a pescaria e processamento industrial de espécies semelhantes ao bacalhau. A segunda tem a ver com a estratégia e a política espanhola para o Magreb árabe e as ilhas Canárias. Deu para perceber que no começo da ocupação espanhola, a estrutura colonial política existente no Sahara Ocidental foi bem diferente das estruturas políticas dos países vizinhos, Marrocos e Mauritânia. Adriano Alberto Smolarek (2013) *na sua obra com o tema: Conflito No Saara Ocidental: Um País Além Da Miragem*, o autor analisa o conflito existente no Saara Ocidental. Sua origem, desenvolvimento, o panorama actual e algumas

perspectivas. Ainda nesta obra podemos perceber também que, tal conflito resultou de um processo de descolonização mal conduzido pela Espanha.

S/A (2014) esta compilação que tem como tema: *Marrocos e Sahara Ocidental*, faz uma análise dos dois países desde a época colonial até a primeira metade do século XXI. É uma radiografia que começa a ser feita em 1415 aquando da chegada dos portugueses na região de Ceuta (norte de África), região esta que os Espanhóis conquistaram e, no século seguinte, a maior parte do litoral marroquino estava nas mãos de portugueses e espanhóis.

Ceuta continua sob soberania espanhola até hoje. De forma sintética está compilação traz dados de como é que os portugueses cederam a região de Ceuta e Marrocos para os espanhóis e por sua vez dos espanhóis para os franceses.

Rodrigo Duque Estrada (2014) na sua obra cujo título é: *Saara Ocidental: história, geopolítica e perspectivas da “última Colónia”* Este artigo analisa o contexto político que está inserido a questão do Saara Ocidental, as repercussões regionais e internacionais do conflito e seu enquadramento na correlação de forças do sistema internacional. O artigo traça uma perspectiva histórica que permite compreender as origens e os principais desdobramentos da luta pela independência do território. Ainda assim, o mesmo leva em consideração aspectos geopolíticos que permeiam o impasse, apontando os actores externos envolvidos no conflito e seus interesses específicos na região, além de evidenciar o processo de securitização pelo qual a região passa, afectando decisivamente o Saara Ocidental.

Iara Ferreira de Sena Balduino (2015) na sua obra *A Disputa pelo Território do Saara Ocidental e os Refugiados Saarauis dos Campos de Tindouf*, o autor diz que actualmente o único território cujo ainda clama pela independência no continente africano, é o Saara Ocidental. A colonização é o principal motivo, e que hoje ainda sofre influências da actuação errônea das Nações Unidas, que infelizmente este processo todo resultou em uma guerra de quinze anos e uma espera de quarenta anos para o povo saharai, este conflito já causou várias perdas humanas e consequentemente milhões de refugiados.

Ferreira, Migon *et al* (2017) no livro com o título: *A Estratégia De Uma Guerra Esquecida: Fundamentos Estratégicos Aplicados À Questão Do Saara Ocidental*

este artigo analisa de forma sucinta a estratégia utilizada que Marrocos tem vindo a utilizar e a postura da República Árabe Saharaui Democrática (RASD) ao longo da disputa pelo controle do Sahara Ocidental verifica-se que o Marrocos adoptou estratégia directa Enquanto que os Saarauis adoptaram estratégia associadas a conflito de longa duração e baixa intensidade, em posturas muito divergentes entre si. Percebemos de igual modo, que a República Árabe Saharaui Democrática tem uma ligeira vantagem em função da estratégia adoptada. Toda esta narrativa que os autores apresentam nesta breve apresentação, destacamos com mais enfase nos títulos que mostraremos ao longo do trabalho.

1.2 Situação Geográfica da República Árabe Saharaui Democrática.

Segundo Lopez (2011, p.2), a República Árabe Saharaui Democrática (RASD) antigo Sahara Espanhol também conhecido como Sahara Ocidental, está localizada na costa atlântica do noroeste africano, sua superfície é de 266.000 km². O território da RASD² limita ao norte com Marrocos, a oeste pelo oceano Atlântico, por onde faz fronteira com a região autónoma espanhola das Canárias.

No extremo nordeste esta a fronteira com Argélia. No Leste e pelo sul compartilha fronteira com Mauritânia. Sua capital é El Aaiún (hoje sob ocupação marroquina). É uma região árida e quase desértica, situada junto à costa noroeste de África, constituída por desertos pedregosos em certas áreas e arenosos em outras. Integra o deserto do Saara.

Há oásis dispersos e pequenas manchas de pastagem pobre. Possui uma das maiores reservas pesqueiras do mundo território Saharaui está dividido em duas grandes regiões: Saguia *El Hamra* no norte, e Rio de Oro no centro e sul. O relevo do Sahara Ocidental é predominantemente plano e vai se elevando gradativamente da costa para o interior, até atingir alturas de 500 metros. No Nordeste se estende a Hamada, um planalto muito árido, onde a temperatura no verão pode atingir os 60 graus centígratos.

² República Árabe Saharaui Democrática.

Mapa do Sahara Ocidental



Fonte: Camacho e Tavares (2014).

1.2.1 Economia do Sahara Ocidental

No tocante a aspectos relacionados ou que influenciam a economia, o território do Saara Ocidental não foi aquinhado com uma diversidade de recursos naturais, nem tampouco com amenidades climáticas. Há pouquíssima vegetação na região e o regime pluviométrico é bastante irregular.

As actividades económicas estão relacionadas às práticas pastoris nômades, à pesca e à exploração de fosfato, sendo estas duas realizadas apenas em porção do território. Actualmente, a grande maioria das actividades económicas se desenvolve em uma pequena quantidade de cidades na parte oeste do território, controlada pelo Marrocos sobretudo as localizadas no litoral (Ferreira, 2012).

S/A (2014,p.5) Com o baixo PIB de U\$ 905,5 milhões, a economia do Saara Ocidental é baseada principalmente na pesca, plantações de Phoenix e na extracção e exportação de recursos naturais como o fosfato. O país possui pouca terra fértil, e praticamente toda a sua alimentação provém de produtos importados.

1.4 Antecedentes do Conflito do Saara Ocidental

Segundo Balduino (2015, p.4) a história recente do Saara Ocidental está ligada ao período colonial europeu. Na segunda metade do século XIX, alguns Estados da Europa empreenderam a chamada corrida colonial. Os países ibéricos, especialmente, chegaram à África, instalaram-se, mas não adentram seu interior. Neste contexto, a Espanha apoderou-se, em 1884, da região do Rio de Oro, que ia desde o Cabo Bojador, próximo ao território actual do Marrocos, até o Cabo Branco, ao sul, hoje fronteira entre o Saara Ocidental e a Mauritânia.

1.4.1 Caracterização Geográfica da Região do Magrebe

Segundo Camacho e Tavares (2014), o Magrebe é o nome dado ao conjunto dos territórios do norte de África compreendidos entre o Mediterrâneo e o Saara e desde o Atlântico ao golfo de Gabés. Abrange os territórios de Marrocos, Argélia e Tunísia. As características geográficas da região, dificultando as comunicações com o exterior contribuíram durante muito tempo para o seu isolamento. Enquanto a leste o Egito dispunha do rio Nilo que funcionava como uma verdadeira Estrada comercial, o Magrebe via-se confinado pela Líbia e isolado a sul pelo deserto do Saara.

Tal como acontecia na antiguidade com os antigos fenícios, durante a antiguidade o Mediterrâneo era então a única porta de entrada e saída de mercadorias.

1.4.2 Caracterização Histórica do Sahara Ocidental

Soares (2013,p.7) o Saara Ocidental, até a metade do século XIX, apesar de esporádicas e fracassadas tentativas de ocupação por aventureiros e comerciantes de origem inglesa e espanhola, que desembarcavam em seu litoral, estava livre de qualquer ocupação estrangeira. A origem dos habitantes do Saara Ocidental.

Segundo Omar *et al* (2008 citado por Soares 2013, p.7), explanam que os povos saarauí descendem dos berberes e dos árabes e a maioria é muçulmana. A língua nativa é a hassanya, mas também se comunicam em árabe e espanhol. Tradicionalmente nômades, a população começou a se fixar após a instalação de minas de fosfato no território. do território saharauí eram de origem

predominantemente bérbere que Segundo a história são os primeiros habitantes da região norte de África. As massivas invasões de árabes, porém, procedentes da zona de Yemem na Península Arábica, no século XI, foram determinantes na formação da actual sociedade saarauí e essas tribos nômadas exerciam, em *Ait-Arbiin* sua soberania sobre aquele território.

Para Miyares (2013, p.4), a vida do povo saharai era bastante rudimentar no século XVII, fazendo comparação com os moldes de vida ocidental. Explica o autor que as tribos nômades eram dedicadas a cuidar de rebanhos de camelos e de cabras e a sua economia era de substância, o que impunha a dinâmica da vida nômades, já que os grupos tribais se dispersavam em busca de recursos naturais de pastos de água, pela região, seguindo rotas de pastoreiro que atravessavam as actuais fronteiras do Saara Ocidental até as zonas limítrofes de Mauritânia, Argélia e Marrocos.

Retomando as abordagens de Miyares (2013), a organização social-política-tribal era administrada por uma assembleia chamada *yemaa* e formada pelos anciãos que, por motivo de balanceamento de poder, limitava a autoridade dos chefes das tribos. As tribos se organizavam em facções ou subfacções (grupos de famílias de uma mesma tribo, que viviam no mesmo acampamento e se trasladavam juntos. Além do mais, nestes assentamento nômades, integravam-se também artesãos, músicos e escravos que não pertencia à tribo, e que se mantinham a uma grande distância social dos membros.

Já para Arso (2009 *apud* Balduino 2015), a história do Saara Ocidental mudou drasticamente no final do século XVIII, pois as grandes potências, como a França, a Alemanha, a Rússia e a Espanha, na busca incessante por poder e prestígio na arena internacional. Já na segunda metade do século XIX, alguns Estados da Europa empreenderam a chamada corrida colonial. Os países ibéricos, especialmente, chegaram à África, instalaram-se, mas não adentram seu interior. Neste contexto, a Espanha apoderou-se, em 1884, da região do Rio de Oro, que ia desde o Cabo Bojador, próximo ao território actual do Marrocos, até o Cabo Branco, ao sul, hoje fronteira entre o Saara Ocidental e a Mauritânia.

1.4.3 A Resistência à Ocupação Espanhola

Desde épocas passadas, ao começo da ocupação espanhola, à estrutura política existente no Sahara Ocidental foi bem diferente das estruturas políticas dos seus vizinhos, Marrocos e Mauritânia. Deste modo, nesta secção, abordamos sobre a resistência à ocupação do território Saharai.

López (S/d), ao referenciar sobre a resistência à ocupação espanhola, aponta que, o território saharai constituia uma entidade independente cuja população, agrupada em tribos nômadas, jamais tinha reconhecido a autoridade do sultão marroquino nem de nenhum emir mauritano. As tribos saharais estavam organizadas numa confederação regulada pelo *Ait Arbain* ou “Conselho dos Quarenta”. Esta instituição estava integrada por representantes de cada tribo designados pelos homens e mulheres maiores de dezoito anos. O *Ait Arbain* exercia funções legislativas e mediava nos conflitos surgidos entre as diferentes tribos. Também assumia o poder político militar quando havia perigo de agressão externa.

Carol (2008), apresentando um outro posicionamento, diz que em Janeiro de 1885, a companhia comercial Hispano-Africana iniciou a construção de um forte para proteger a planta processadora de pescado de Villa Cisneros. Dois meses depois, grupos armados do *Ait Arbain* atacaram as obras e saquearam a planta. Logo, no mês de Agosto chegou uma companhia de atiradores reforçada com artilharia. A revolta foi esmagada rapidamente e assim continuou-se com a construção do forte.

Mas para Pio (2010), entre os anos de 1887 e 1894 se registaram incursões inéditas contra o enclave militar e comercial de Villa Cisneros. Algumas tribos não consentiram em se submeter ao domínio da Espanha e continuaram resistindo muitos anos. De qualquer modo, o processo de ocupação continuou avançando apesar das implicações e disputas com a França pela questão dos limites das respectivas zonas de influência. Em 1934, o governo da República Espanhola dividiu sua colónia em três zonas administrativas: Tarfaya, Saguia El Hamra e Rio de Oro. A cidade de El Aaiún, fundada em 1932, passou a ser a capital do Sahara Espanhol.

1.4.4 A Espanha e a Colonização do Sahara Ocidental

Os primeiros registos da colonização espanhola nas áreas costeiras do Saara Ocidental, datam do ano de 1884 entre a região de Tarfaya actual sul do território do Marrocos e Villa Cisneros actual cidade de Dakhla, ao sul do Saara Ocidental situação que perdurou até o ano de 1976 tal como nos mostram alguns actores por nós consultados.

Nesta conformidade Ferreira (2015), aponta que durante o período colonial do Saara Ocidental, houve revoltas de tribos locais contra a metrópole, muitas das quais não obtiveram efectivo sucesso. No plano político, há relatos que as fronteiras do Saara Ocidental foram confirmadas pela Espanha e pela França em 1934. No entanto, a partir de 1956, o recém-independente Marrocos iniciou sua reivindicação do território, fato que culminou com o enfrentamento, a guerra e um impasse que perdura até os dias de hoje.

Shelley (2004), argumenta que, em 1898, o povo saarauí estabeleceu uma resistência contra os espanhóis na cidade de Smara, a qual foi vencida apenas em 1912, com apoio francês. Os ânimos locais continuaram exaltados e, na década de 1930, a Espanha e a França conduziram operações militares combinadas, com a finalidade de conter aquela natureza de manifestação. Já em 1956 e 1957, há relatos que apontam a condução de outra revolta contra Espanha por tribos locais, atacando suas posições no Sahara. Mais uma vez, com apoio francês, uma acção militar combinada

Beduíno (2015), fazendo uma narrativa deste fenómeno, assevera que à Espanha, a sustentação de territórios coloniais se tornava cada vez mais difícil. As guerras anticoloniais em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau resultaram na Revolução dos Cravos em Portugal, em 1974, que derrubou a ditadura naquele país. Com a independência das colónias portuguesas, a Espanha ficou isolada, sendo um dos poucos países a manter territórios ocupados na África, o que gerou uma pressão internacional para que deixasse a região. As mudanças de regime nos países ibéricos (queda da ditadura em Portugal e posterior morte de Francisco Franco na Espanha) aceleraram o fim do período colonial africano.

Vilar (2011), diz que a Espanha, para a comunidade internacional e para os próprios saarauis, afirmava que era favorável de um referendo no Saara Ocidental, mas por meio de negociações secretas, acabou entregando o território ao Marrocos e à Mauritânia. Em vez de actuar para garantir a descolonização, passando o poder político à população nativa como havia se comprometido e como haviam feito os outros países ao deixarem os territórios africanos ignorou as resoluções das Nações Unidas.

A este respeito López (S/d) afirmou:

O processo de colonização espanhola no Sahara Ocidental começou em 1882 e teve dois factores essenciais: A primeira foi a pescaria e processamento industrial de espécies semelhantes ao bacalhau, que naquele tempo era um dos principais alimentos para milhões de trabalhadores espanhóis. A segunda tem a ver com a estratégia e a política espanhola para o Magreb árabe e as ilhas Canárias. Em 1830, a França começou a conquista da Argélia e antes do fim do século XIX, seu domínio tinha-se estendido praticamente por todo o Magreb: Argélia, Tunísia e uma grande parte do Marrocos e Mauritânia. Os sectores colonialistas da Espanha viam com alarme como a expansão francesa pelo noroeste africano, ia se projectando ameaçante sobre a faixa costeira do deserto. O impulso colonial francês punha em perigo o controle espanhol sobre essa porção do território saariano e as áreas de pesca do seu litoral (López, s/d, p.23).

Segundo Suzin e Daudén (2011), ocupação espanhola limitou-se inicialmente ao litoral, a fim de evitar interferência nos assuntos tribais dos saarauis e para manter sua actividade comercial. Dessa forma, foi em 1934, que a Espanha passou a exercer um controle mais formal sobre a colónia, em decorrência de um novo acordo firmado com a França, que visou impedir que os nativos atacassem suas fronteiras já esboçando uma forma de resistência anticolonial, embora não se possa ainda afirmar a existência de uma consciência nacional.

Ainda no início da colonização, segundo Besenyó (2009), a Espanha enviou algumas expedições para verificação do território. Com a ajuda de seus representantes, que nesta fase já dominavam a língua local, conseguiram assinar vários acordos com os representantes das principais tribos. Porém, estes acordos foram assinados sem a aprovação do restante das tribos, que se organizaram para lutar contra as tropas espanholas.

Desta forma, podemos afirmar que, após alguns anos de luta, os saarauis perceberam que era mais fácil entrar em um acordo do que continuar lutando, então

assinaram um único acordo com o líder da principal tribo. Porém, novamente deixaram algumas tribos de fora, as tribos que viviam perto do território marroquino.

1.4.5 Os Acordos de Madrid

Segundo Miguel (2006), ao comentar sobre os acordos de Madrid, diz que a Espanha, colonizou o Sahara Ocidental, mas face à ameaça de guerra e do massacre civil, formaliza, em 14/11/1975, através do “Acordo Tripartido de Madrid”, julgado por alguns como ilegal a intenção de abandonar o Saara e retira-se em 28/02/1976, tendo, de imediato, Marrocos a substituído como potência colonial.

Mas na perspectiva de Sousa (Sd), a ONU afirma que “O Acordo de Madrid” não previu a transferência da soberania sobre o território nem confere a qualquer dos signatários o estatuto de potência administrante. A transferência dos poderes administrativos para Marrocos e Mauritânia, em 1975, não afectam o estatuto do Saara Ocidental, enquanto território não autónomo”. Apesar disso, o Acordo de Madrid não foi publicado no Boletim Oficial de Estado. A invasão, para a Argélia, foi um “*casus belli*”, mas ela não declarou guerra a Marrocos. Este, porém, em 1979, ocupa o 1/3 do Saara abandonado pela Mauritânia e que lhe pertencia pelo Acordo de Madrid.

Para ARSO (2009), a Espanha enquanto negociava com a Frente Polisário os termos para deixar o Saara Ocidental e realizar o referendo, o ditador espanhol Francisco Franco, já fragilizado, firmou secretamente um acordo com o Marrocos e a Mauritânia em 14 de novembro daquele mesmo ano, passando aos dois países o controle sobre o território saarauí conhecido como “Acordo de Madrid”, o documento procurou assegurar privilégios à Espanha por intermédio de cláusulas que foram conhecidas somente tempos depois, como a recuperação de parte do investimento que havia feito na empresa estatal de extração de fosfato. Apenas seis dias após assinar o acordo, Francisco Franco morreu.

Este acordo a nosso ver tinha como objectivo, assegurar algumas regalias ao governo a Espanha e aos seus aliados (Marrocos e Mauritânia), não obstante o abandono da Espanha como potência colonizadora.

Balduino (2015), argumenta que, em meio a um momento atribulado de sucessão de poder e mudança no regime político espanhol, o sucessor de Franco, rei Juan Carlos I, cumpre o acordo de Madrid, deixando progressivamente o Saara Ocidental e passando o território para as mãos do Marrocos e da Mauritânia. Tais decisões a assinatura do acordo e o posteriormente o cumprimento, trouxeram consequências até hoje ao povo saarauí. Foi, talvez, o processo de descolonização mais equivocado e irresponsável de um país europeu na África. Tal como como analisaremos no capítulo seguinte.

A Espanha, incapaz de enfrentar uma guerra contra o Marrocos, devido ao colapso do Franquismo, assinou, de forma secreta, um acordo com o Marrocos e a Mauritânia: o Acordo de Madrid. Neste acordo, a Espanha dividiu a administração do território saarauí, ficando uma parte com o Marrocos e outra parte com a Mauritânia; em contrapartida, a Espanha continuaria administrando o restante do território, até 1976, e permaneceria com 35% dos direitos económicos sobre os recursos do Saara Ocidental (pesca e fosfato) Menezes, Morais e Carvalho (2018 *apud* Barros 2021, p.33).

O Acordo de Madrid foi assinado em 14 de novembro de 1975 entre Espanha, Marrocos e Mauritânia. Nele a Espanha concordou em dividir a administração do Sahara Ocidental entre os três. Deste modo, parte da administração do território ficou para a Mauritânia como a região de *Tiris el Gharbia* e a região de *Saguia El-Hamra* para o Marrocos. A Espanha continuaria na administração do território, temporariamente, até 1976. Em contrapartida, a Espanha permaneceria com 35% dos direitos sob a pesca e as minas de fosfato. O Acordo de Madrid pode ser considerado o estopim do conflito no Sahara Ocidental, em especial por duas razões: não ter reconhecimento perante o direito internacional, pois contraria o direito e a “vontade política legítima de autodeterminação do povo saarauí” (Smolarek, 2012, p. 35).

1.4.6 Marcha Verde

No mesmo dia em que se conheceu o ditame da Corte Internacional de Justiça, o rei marroquino anunciou ao país que o organismo internacional tinha reconhecido o direito de Marrocos de estender sua soberania sobre o Sahara Ocidental. Deste

modo, o rei convocou à população a participar voluntariamente da Marcha Verde para tomar conta do Sahara ocidental López (2012, p.17).

Zoubir sobre a marcha verde afirmou que:

O argumento empregado pela monarquia era muito eficaz porque mexia com dois sentimentos colectivos básicos da sociedade marroquina: o patriotismo e a fé religiosa. Segundo o discurso oficial repetido até o cansaço desde 1974, o povo marroquino, inspirado pelo seu máximo líder espiritual, o rei Hassan II, atravessaria o deserto para reconquistar pacificamente as terras ocupadas pelos infiéis estrangeiros. Na realidade, a Marcha Verde era uma encenação que tinha três objetivos: o primeiro era se constituir em justificativa da política entreguista do governo espanhol. Era óbvio que o governo madrileno preferisse perder o Sahara antes de entrar numa guerra contra Marrocos (Zoubir, 2008, p.23).

Segundo Hagen (2008), o objectivo era montar um espetáculo que atraísse a atenção da opinião internacional para ocultar a verdadeira invasão militar que iria acontecer a duzentos quilômetros de distância. A decisão da corte internacional de justiça estimulou uma reação do rei do Marrocos que, no mesmo dia, anunciou que iria liderar uma marcha “pacífica” de 350.000 marroquinos em direção ao Saara Ocidental, evento que ficou conhecido como “Marcha Verde”.

Para Menezes, Moarais e Carvalho (2018), os detalhes organizativos de essa maré humana tem sido revelados por publicações oficiais marroquinas. Em princípio, se determinou a participação de 350.000 pessoas, que foram transportadas a Marrakech empregando dez trens diários durante doze dias. De Marrakech até Agadir, e depois até Tarfaya, se utilizaram 7.813 viaturas. No total, a enorme coluna dispunha de 17.000 toneladas de comida, 23.000 toneladas de água, 2.950 toneladas de combustível, 230 ambulâncias e 470 médicos e enfermeiros.

Neste cenário, Migon (2020), diz que foi no início do mês de novembro de 1975 que Hassan II, rei do Marrocos à época, convocou o povo marroquino a marchar em direção ao território do Saara Ocidental. Cerca de 350.000 civis então, se deslocaram portando bandeiras marroquinas em direção à fronteira com o Saara Ocidental. Independentemente do nível de engajamento político destes cidadãos, a representação visual da marcha é pela defesa do direito de ocupação do território reivindicado pelo Rei Hassan II, na reprodução do projecto do ‘Grande Marrocos.

O facto de a marcha ter sido maioritariamente composta por civis preveniu qualquer reação violenta por parte da Espanha, do povo saarauí, ou da Frente Polisário, mostrando assim o carácter estratégico do uso da população por parte do rei à época. A acção do exército marroquino, especialmente após os bombardeios de napalm,

subsequente à marcha civil, concretizou a ocupação e desencadeou a fuga de boa parte da população saarauí, que encontrou refúgio na Argélia. A Marcha Verde consolidada, desta forma, o primeiro passo rumo a um processo que veio a se consolidar com o passar dos anos como a 'marrocanização do Saara Ocidental'. Ao incentivar a migração de cidadãos marroquinos para o território ocupado, o Marrocos objetiva uma projeção de poder e a expansão de sua influência (Almeida, 2018, p.41).

**CAPÍTULO II: O CONFLITO ENTRE MARROCOS E REPÚBLICA
ÁRABE DEMOCRÁTICA SAHARAUI**

CAPÍTULO II: O CONFLITO ENTRE MARROCOS E REPÚBLICA ÁRABE DEMOCRÁTICA SAHARAUI

2.1 Causas dos Conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental

As causas dos conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental, remontam já a um período longo. No plano político, há relatos que as fronteiras do Sahara Ocidental foram confirmadas pela Espanha e pela França em 1934. Neste propósito, a partir de 1956, o recém-independente Marrocos iniciou sua reivindicação do território, facto que terminou com o enfrentamento, a guerra e um impasse que perdura até os dias de hoje (Rézette, 1975 *apud* Ferreira 2017).

Segundo Ferreira (2017), em 1974, a Espanha estava pronta para realizar o referendo e organizou um recenseamento da população no território, como medida preliminar à realização da medida que aconteceria sob os auspícios da ONU. Esta pediu, então, à Corte Internacional de Justiça parecer sobre o estado do Saara Ocidental, a qual considerou que nem Marrocos, nem a Mauritânia poderiam estabelecer qualquer vínculo de soberania do território (Janis, 1976).

Ainda segundo (Ferreira 2017), naquele momento poderia se ter dado alguns passos para a resolução daquele conflito, iniciativa esta encabeçada pela Organização das Nações Unidas (ONU), isto no ano de 1965. Note-se que uma condução bem planejada e, sobretudo, bem negociada desse processo, a partir daquele momento, poderia ter evitado o conflito armado que vigora até aos dias de hoje. Contudo, tal condução não ocorreu. A ONU veio a declarar o Saara Ocidental um território não-governado, em virtude de ainda ser uma colónia espanhola e com base na resolução 1514, segundo a qual, todas as pessoas teriam o direito à autodeterminação.

Para Farieta *et al* (2009), o conflito do Sahara Ocidental começou no período de descolonização do continente africano, na década de setenta. Este conflito caracteriza-se por tendências que até ao momento se apresentam totalmente irreconciliáveis: por causa dos interesses das duas partes, Marrocos e a República Árabe Saharai Democrática (RASD). Este conflito tem despertado atenção de

outras nações, que lutam a favor da interdependência do mundo, assim sendo taís países se vêm obrigados a tomar posições, que procuram dar soluções ao conflito

“A Organização das Nações Unidas se posicionou a favor da descolonização e do exercício da autodeterminação do povo saarauí, o que deveria ser exercido por meio de um referendo. Na ocasião, o Rei Hassan II do Marrocos clamou à ONU a anexação da parte norte do território e a Mauritânia, a parte sul” (Shelley, 2004).

Marrocos, país localizado no noroeste do continente africano, constitui um dos protagonistas na questão do Saara Ocidental. Sua participação teve início, ainda, no período colonial e perdura até os dias de hoje. Durante todas as fases dessa questão, a estratégia utilizada pelos reis Hassan II e Mohamed VI visou à anexação do Saara Ocidental ao Estado Nacional Marrocos e, na totalidade da história desse impasse, dessa forma, o ponto pacífico para a parte marroquina foi o exercício da soberania sobre o território saarauí (Ferreira, 2017 p. 206).

Nesta senda Balduino (2015), sustenta que o Marrocos desde sempre tinha pretensões na expansão das suas fronteiras, para isto, previa a anexação de dois milhões de metros quadrados de territórios pouco povoados, mas ricos em recursos naturais e de importância estratégica. “O Grande Marrocos” englobaria todo o Sahara Espanhol (Saara Ocidental) e Mauritânia, além de partes da Argélia, Mali e Senegal. Não tendo conseguido os objetivos traçados para Argélia, Mali, Mauritânia e Senegal, Marrocos virou-se completamente para o Saara Ocidental.

Para Ferreira (2017), pese embora Marrocos tenha seus planos estratégicos, os objetivos nacionais de cada País bem como o Saara Ocidental, como Estado, seriam a sua independência, o exercício da sua autodeterminação, o seu reconhecimento enquanto Estado nacional integrante da sociedade internacional e, em última instância, o exercício da soberania estatal em seu território. No entanto, e de acordo com os autores acima mencionados, podemos afirmar que ao longo dos mais de 40 anos de conflito, verifica-se que a geopolítica possui um viés bastante elucidativo para os impasses que envolvem a autodeterminação do Saara Ocidental, especialmente quando se analisa, desde o domínio espanhol.

Shelley (2004), afirma que muitos óbices se antepuseram a luta do povo saarauí na busca pela sua soberania e pela sua autodeterminação. A forte ofensiva marroquina, a superioridade de meios dos oponentes, a opinião pública internacional

dividida e, inicialmente, o afastamento da questão dos olhos da mídia. Para enfrentar tais óbices, o governo saarauí estabeleceu, no início, uma estratégia de defesa nacional da aliança, passando a receber apoio da Argélia e, mais tarde, da Líbia, que recusou, inclusive, os resultados de um referendo promovido por Hassan II em 1981.

Assim, podemos dizer que, o processo de descolonização foi mal feito por parte da Espanha, que fez parecer uma coisa enquanto nos bastidores eles (Espanha, Marrocos e Mauritânia) faziam outros acordos, que até hoje Marrocos utiliza como pretexto para continuarem no solo Saarauí.

2.3 A Frente Polisário e suas Reivindicações

A Frente Polisário é um movimento político-revolucionário criado em 29 de abril de 1973 que procura a autonomia do Saara Ocidental, e luta pela autodeterminação do povo saarauí. No início da década de 1970, com o intuito de sair da região, o governo espanhol propôs a realização de um referendo para que a população saarauí decidisse sobre a independência do Saara Ocidental. Nesse ínterim, tanto Marrocos, tendo como líder Hassan II, como Mauritânia, sob a Presidência de Mohtar Uld Dadá, alegaram laços culturais e étnicos em vista dos interesses de domínio da região, assim como não consideravam legalidade no referendo, afirmando que eles possuíam controle histórico sobre a região anteriormente ao domínio espanhol (Bertolucci e Guimarães, p.37).

Na perspectiva de Geovana (2017), para buscar a independência do país e a instauração de um governo saarauí, a Frente Polisário passou a combater as forças marroquinas e mauritanas através da criação de um braço armado, o Exército de Libertação do Povo Saarauí (SPLA). Com os conflitos, milhares de pessoas fugiram do Saara Ocidental e se refugiaram na Argélia, criando diversos campos de refugiados, como por exemplo o da região de Tindouf, onde se fundou a República Árabe Saariana Democrática (RASD), já em 1975.

Retomando a ideia de Bertolucci e Guimarães (2021), o confronto contra as tropas mauritanas se resolveu em menos de 4 anos, sendo assinado um acordo de paz entre Mauritânia e Frente Polisário em 1979, com a retomada de parte do território pelos saarauís e o reconhecimento da RASD. Com o território retomado da

Mauritânia, a Frente Polisário passou a possuir um terço do antigo território do Saara Ocidental, com a maior parte (dois terços) ainda sob possessão marroquina.

Com a ocupação do território pelo Marrocos e pela Mauritânia, a Frente POLISARIO abriu um combate intenso, utilizando-se de táticas de guerrilha, contra os dois países, dando início à guerra propriamente dita. No dia 26 de fevereiro de 1976, a Espanha retirou-se oficialmente do território e, no dia seguinte, a Frente POLISARIO proclamou a República Árabe Saarauí Democrática, criada com o propósito de dar legitimidade internacional e clamar soberania sobre o Saara Ocidental (Estrada 2014, p.34).

Enquanto isso, em 10 de maio de 1973, foi criada a Frente Polisário, a partir da junção de dois grupos nacionalistas saarauís: os originários de *Tan-Tan*, formado por uma elite acadêmica saarauí, que estudou no Marrocos, e os saarauís vindos de *Zouerat*, na Mauritânia. Além destes grupos, juntaram-se à Frente POLISARIO muitos trabalhadores e soldados saarauís do Saara Espanhol (Justo 2013, p.22).

A Frente Polisário foi criada com um objetivo bastante específico: a independência da Espanha e a formação de um Estado saarauí independente, conforme verifica-se no 1o artigo do Estatuto do movimento: A Frente POLISARIO é um Movimento de Libertação Nacional, fruto de uma longa resistência saarauí contra todas as formas de dominação estrangeira, na qual os saarauís estão mobilizados voluntariamente, pela luta pela independência nacional e pela recuperação da soberania saarauí na totalidade do território da RASD (Justo 2013, p.25).

Segundo a abordagem de López (Sd), a Frente Polisário é um movimento de libertação nacional com definição anticolonialista e terceiro-mundista. Esta organização reúne todos os sectores e personalidades mais progressistas da sociedade saharauí onde quer que eles estejam: exílio, regiões libertadas ou sob ocupação marroquina. Seus objectivos principais são a independência total do Sahara Ocidental e a construção de um Estado moderno no contexto de uma integração magrebí. No plano internacional, a Frente Polisário defende a criação de um Estado palestino, a unidade do mundo árabe e a eliminação de toda forma de colonialismo ou neocolonialismo na África.

2.4 Actores Intervenientes no Conflito

Os conflitos que pairam sobre o Sahara Ocidental são antigos, e como vimos nas abordagens de alguns autores acima mencionados, envolveram alguns Estados de

“peso” que compõem o sistema internacional. Em seguida passamos apresentar o posicionamento de alguns actores intervenientes no conflito.

2.4.1 Actores Externos

Enquanto a Frente Polisário contou com o apoio de países como a Argélia e a Líbia, dois grandes produtores e exportadores de petróleo, as forças militares marroquinas foram consideravelmente apoiadas por duas grandes potências militares: os EUA e a França. A França, que apoiava declaradamente a posição marroquina, não hesitaria em recorrer ao seu poder de veto no Conselho de Segurança na ONU, caso a posição marroquina se visse ameaçada.

O apoio francês não era meramente retórico, passava também pelos campos económico e militar, temendo que um referendo no Saara Ocidental pudesse pôr em perigo o equilíbrio político interno de um de seus aliados. Posição semelhante mantinham os EUA, os quais enfrentavam um dilema ético, de apoio ao princípio da autodeterminação dos povos, consagrada na Carta da ONU, versus o apoio ao Marrocos. No entanto, questões geopolíticas e económicas prevaleceram sobre as questões de princípios, pois os EUA temiam um Saara Ocidental revolucionário e apoiado pela Argélia. Esta, próxima da URSS durante a Guerra Fria, desestabilizaria o Marrocos, um aliado com uma posição estratégica junto à entrada do mar Mediterrâneo (Ferreira, Pereira, Shelley, 2004, p.23).

A antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) era também, ainda que de uma forma indireta, mais um dos actores externos com participação no conflito. Tal facto se dava, uma vez que todo o armamento utilizado pelos saarauis era fabricado naquele país, comprado pela Argélia e pela Líbia, e depois cedido parcialmente à Frente Polisário, que, dessa forma, acabava por ter à sua disposição um evoluído arsenal bélico sem qualquer custo (Ferreira 2012; Shelley, 2004 p.23).

Ao longo de todo o conflito, a França tem se apresentado como o principal aliado do Marrocos na questão do Saara Ocidental. Desde o primeiro momento em que o reino marroquino reivindicou o território saarai, em 1963, imediatamente após a ONU incluí-lo na lista de territórios Não-Autônomos e penderes de descolonização, a França apoiou a demanda marroquina, mesmo após a decisão da corte internacional de justiça, em 1975 (Fuentes 2014, p.45).

O apoio francês não se configura apenas como retórica, uma vez que envolve acções concretas no campo militar e económico. O referendo no Saara Ocidental poderia desequilibrar a política interna do Marrocos, maior aliado francês no Magreb, refletindo na perda de influência francesa naquela região. Por esta razão,

no decorrer do conflito, a França forneceu um importante apoio militar ao Marrocos, com o fornecimento de armamentos e, até mesmo, com o envio de tropas francesas para lutar contra a Frente Polisário (Menezes, Morais e Carvalho 2018, p.47).

Tal como abordou-se por outros autores, os interesses da Guerra prevaleceram para os EUA. Entre manter o Saara Ocidental independente e correr o risco de ele fazer parte da esfera de influência dos soviéticos em razão do apoio da Frente Polisário pela aliada soviética Argélia era mais conveniente que o Saara Ocidental ficasse sob controle de seu aliado (Marrocos). Análises mais recentes mostraram que todas as acções do Marrocos com relação ao Saara Ocidental foram apoiadas pelos EUA nos bastidores. Após o ataque do 11 de setembro de 2001, o Marrocos se tornou um dos principais aliados na “Guerra ao Terror” na região (Mundy, 2006, p.45).

Por outro lado, os EUA trataram essa questão com muita cautela, pois a Argélia também se tornou aliada na luta contra o terrorismo e também existiu um interesse económico no Estado argelino em razão dos seus recursos energéticos. Apesar da melhoria nas relações EUA–Argélia, os EUA continuam sensíveis aos interesses marroquinos no Saara Ocidental. Para os EUA, a estabilidade do governo marroquino, e da região como um todo, é importante também por questões geoestratégicas. Um conflito poderia dificultar o trânsito pelo Mar Mediterrâneo, dificultando o acesso ao Golfo Pérsico (López, 2012, p. 17).

2.4.2 Actores Regionais

Na perspectiva de Ferreira (2017), pode-se identificar como um primeiro actor regional a Argélia. No que diz respeito à questão do Saara Ocidental, a Argélia nunca a considerou um caso totalmente resolvido. A ocupação do Saara Ocidental pelo Marrocos foi ponderada por aquele país como um *casus belli*, não tendo, entretanto, declarado guerra formalmente aos marroquinos.

Segundo Melo (2018), num quadro de rivalidade histórica com o Marrocos e de competição por hegemonia política no Magreb, a integração de facto do Saara Ocidental pelo Marrocos representaria um precedente na questão da inviolabilidade de fronteiras, que a Argélia avaliava como perigosa para a sua própria integridade

territorial. Outra questão estratégica para Argélia seria o acesso ao Atlântico para o escoamento de seus minérios através do Saara Ocidental.

Segundo Pereira (Sd), a Mauritânia no período que antecedeu e seguiu imediatamente a retirada espanhola do Saara Ocidental foi uma aliada do Marrocos, a Mauritânia depressa se tornou num actor secundário na resolução da questão saarauí. Se, no momento de pedido de opinião jurídica ao TIJ, em 1975, a sua posição se baseava na proximidade étnica das tribos saarauis com as populações fronteiriças da Mauritânia, esse factor foi também um dos que muito contribuiu para o elevado grau de deserções no seu próprio exército, a favor da causa saarauí durante a guerra.

Pereira (Sd), diz que há vários aspectos a considerar no envolvimento da Argélia na questão do Sahara Ocidental. No quadro da rivalidade histórica com o Marrocos e da competição pela hegemonia política no Magrebe, a consumação da integração do Saara Ocidental pelo Marrocos em 1975 representaria um precedente na questão da inviolabilidade de fronteiras, que a Argélia percepçiona como perigosa para a sua própria integridade territorial, uma vez que permanecem em aberto algumas questões fronteiriças com o Marrocos. Outra questão estratégica para Argélia seria a questão do acesso ao Atlântico para o escoamento dos seus minérios no interior argelino através do Saara Ocidental, e que estaria mais bem garantido com um regime aliado controlando esse território do que com o Marrocos.

A integração do Saara Ocidental pelo Marrocos representa um perigoso precedente para a questão da inviolabilidade de fronteiras, podendo até mesmo afetar a integridade do território argelino. Outro importante fator geoestratégico para a Argélia é a saída para o Oceano Atlântico, que seria possível com a independência do Saara Ocidental, facilitando sobremaneira o escoamento de sua produção de minérios através do território saarauí (Ferreira e Migon 2015).

2.5 O Papel da União Africana (UA)

Dias (2010), diz que a procura de integração política e económica africana, que começou fora do continente, finalmente levou à formação da Organização de Unidade Africana (OUA) em 1963 e que deu origem à União Africana (UA) em 2002.

Não obstante os interesses divergentes e concorrentes dos Estados, a UA materializou esforço colectivo para atingir uma integração formal e o desenvolvimento.

Shelley (2013), com 54 Estados membros a UA tem realizado esforços para a construção da Unidade continental e o desenvolvimento num mundo cada vez mais globalizado. Um dos esforços que a União africana tem feito é o de poder solucionar os problemas entre o Sahara Ocidental e Marrocos. Mas a maior esta organização tem falhado de forma maciça quanto a esta problemática.

No início de 1976, a OUA envolveu-se na questão do Saara Ocidental, tendo em vista que o conflito contrariava os valores inscritos na carta que regia a organização, que buscava fomentar o progresso a partir da cooperação entre os Estados africanos. Por essa via, a OUA assumiu a condução do processo de negociação entre as partes. Aproveitando-se do interesse e do envolvimento da OUA na questão, o Sahara Ocidental solicitou sua entrada na organização, sendo reconhecida oficialmente como membro em 1982. Resultante à admissão da RASD, o Marrocos abandonou a organização em 1984. Desde a ocupação por Marrocos, a OUA actualmente União Africana chamou sempre atenção a Marrocos no sentido de poder abandonar a região ocupada (Ferreira 2018, p.23).

Segundo Vilar (2011), Organização da Unidade Africana (OUA) antecessora da actual União Africana (UA) passou a construir alternativas para a paz, que veio a terminar no acordo de cessar-fogo, assinado em 1991. Este acordo estabeleceu o controlo das forças nos limites ocupados até a data do acordo, o que não satisfez nem os saarauis nem os marroquinos. Para garantir o respeito e cumprimento do acordo, a ONU estabeleceu a criação da MINURSO.

Na perspectiva de Leandro (2005), o retorno do Marrocos a União Africana em 2017 foi de grande impacto para a organização regional, legitimando sua representação do continente africano, agora contando com todos os países. Ao mesmo tempo, no entanto, o retorno marroquino abriu um série de questionamentos sobre o futuro do conflito com o Saara Ocidental.

Para Correia (2010), a decisão que determinou que os esforços de promoção da paz no Saara Ocidental passariam a ser responsabilidade da ONU, de forma que o papel da UA se limite a apoiar o processo liderado pelo Conselho de Segurança da ONU, foi anunciada pelo presidente da comissão da UA em sua última assembleia Geral, não vindo directamente de debates do PSC. A decisão pode ser vista como uma tentativa de evitar a deterioração das relações entre os aliados do Marrocos e

os já tradicionais apoiadores da questão saarauí, de forma a não polarizar e enfraquecer as suas esferas de decisão. Segundo Almeida (2016), a UA e o Conselho de Paz e Segurança da União Africana desbravaram caminhos que levaram à indispensável estabilidade política, económica e, principalmente, militar. As preocupações da União Africana na resolução dos diferentes conflitos no Sahara Ocidental esbarrou com a emergência continuada de questões, que, por vezes, poderiam ser consideradas menores, mas que acabam por derrapar em graves conflitos político-militares de consequências catastróficas.

2.6 A Posição da ONU Face os Conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental

Gonzalez *et al* (2013), a organização das Nações Unidas (ONU) tem-se mostrado neste caso como um ente funcional importante para a garantia dos direitos humanos e da autodeterminação dos povos. Assim sendo a questão do Sahara Ocidental não poderia estar aquém dos objectivos da ONU. Está situação tem, um peso do ponto de vista regional e internacional mas a medida que o tempo vai passando o Saara Ocidental vai se transformando numa questão ainda mais difícil de se resolver a nível da UA bem como da ONU, por causa dos contendores.

Segundo Ferreira (2015), a ONU declarou o Sahara Ocidental como um território não-governado, na altura em virtude de ainda ser uma colónia espanhola e com base na resolução 1514, segundo a qual, todas as pessoas teriam o direito à autodeterminação. Neste quesito, a organização se posicionou a favor da descolonização e do exercício da autodeterminação do povo saarauí, o que deveria ser exercido por meio de um referendo. Na ocasião, o Rei Hassan II do Marrocos clamou à ONU a anexação da parte norte do território e a Mauritânia, a parte sul.

Ainda Para Ferreira (2015), durante o período 1985-1988, a ONU começou a envidar maiores esforços para apaziguar a questão. Em 30 de agosto de 1988, o Marrocos e a Frente Polisário vieram a aceitar as propostas da ONU e da Organização da União Africana (OUA), no sentido de resolver o conflito. Esta resolução deveria ser alcançada por meio de um referendo, por meio do qual o povo do Sahara Ocidental escolheria entre a independência ou a integração com Marrocos. Segundo Meda (2003), em 1985, a ONU intermediou diálogos entre as partes para a construção do Plano de Ajustamento, que foi aceite em 30 de agosto

de 1998 pelo Marrocos e pela Frente Polisário. Este plano previa a realização de um referendo no qual o povo saarauí escolheria entre a independência e a anexação ao Marrocos. Este seria organizado pelo então enviado pessoal do Secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, e deveria acontecer em janeiro de 1992.

No entanto Duarte (2016), diz que a primeira vez que a ONU se manifestou sobre a questão do Saara Ocidental foi em 1965, por meio da resolução 2072 da Assembleia Geral. Nessa ótica, a comunidade internacional reconhecia o direito à autodeterminação do povo saarauí, convocando o governo espanhol a usar de todos os mecanismos necessários para libertar o território da dominação colonial. Nos anos seguintes, mesmo depois do Tratado de Madrid e da “Marcha Verde”, a Assembleia Geral continuou enfatizando a necessidade de garantir à população do Saara Ocidental o direito de autodeterminação.

Ferreira (2015), em abril de 1991 foi criada a Missão das Nações Unidas para o Referendo do Saara Ocidental Minurso. A Missão tinha o intuito de garantir o cessar-fogo, declarado oficialmente em setembro daquele ano, o recenseamento da população, o referendo e a entrega do poder político para quem vencesse a disputa. Mas o referendo nunca chegou a acontecer. O principal entrave naquele momento era a concordância em relação a quem estaria apto a votar. Tanto o Marrocos como a Frente Polisário concordaram em incluir a população que constava na lista de recenseamento feita pela Espanha em 1974.

González *et.al* (2009,p.109), não havendo nenhuma resolução após vários anos de embate e nenhum progresso, em 1997 o Secretário-geral da ONU, Kofi Annan, indicou um novo enviado especial para o Saara Ocidental: James Baker, ex-secretário de Estado norte-americano. Após negociações conhecidas como Acordos de Houston, retomou-se o recenseamento, concluído em 1999. Foram consideradas aptas a votarem 86.368 pessoas, de 198.000 que se inscreveram.

Em 2003, Baker apresenta o Plano de Paz para a Autodeterminação do povo do Saara Ocidental, proposta que obteve o aval do CS. O novo plano trazia três principais inovações: a inclusão da opção “autogoverno ou autonomia” na cédula de votação, além das anteriores já previstas (independência e integração com o Marrocos); a inclusão na lista de votação de todos os que estivessem residindo no Saara Ocidental desde 30 de dezembro de 1999 e a não necessidade de concordância de ambas as partes em cada passo de implementação do plano. Além dos residentes desde dezembro de 1999, também estavam aptos a votarem todos os que constavam na lista

de 1999 e os inscritos na lista de repatriação de outubro de 2000 do Alto Comissariado nas Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) (Meda 2003,p.43).

Ainda na visão de Gonzalez *et.al* (2009), o Conselho de Segurança voltou atrás em seu apoio ao plano. James Baker pediu demissão do cargo de enviado pessoal da ONU. Em julho de 2005, o Secretário-geral da ONU, Kofi Annan designou o diplomata holandês Peter Van Walsum como seu novo enviado pessoal. Mas, após analisar o conflito, Van Walsum reportou que não poderia construir um novo plano, pois, o Marrocos só aceitaria um plano que excluísse a opção de independência, enquanto a ONU não poderia endossar um documento que não tivesse a independência como opção. O diplomata também fez críticas a países que apoiavam o Marrocos.

2.7. As Consequências dos Conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental

A sequência dos factos que ocorreram no território do Saara Ocidental, desde a ocupação espanhola, passando pela criação da Frente Polisário, pelo Tratado de Madrid e pela Marcha Verde, até o cessar-fogo assinado em 1991, trouxe algumas consequências para aquela população, que em seguida passaremos a apresentar.

De acordo com Melo (2018), desde o início da invasão marroquina em 1975 até o estabelecimento do cessar-fogo em 1991, foram longos anos onde o Marrocos realizou uma ocupação gradual. Durante todo esse período foram estabelecidas linhas defensivas sucessivas, até a configuração do cenário hoje existente. Enquanto isso, uma parte da população saarauí foi forçada a se refugiar na Argélia, particularmente em Tindoufe, onde até os dias actuais vivem em cinco campos de refugiados.

Na visão de Cardoso (2020), a maior parte dos países africanos, na sequência das independências políticas, e sobretudo no período pós Guerra Fria, num contexto de crescente globalização, tem conhecido situações de turbulência política que por vezes culminaram em massacres e confrontos de grande violência. Se olharmos para os problemas que têm acontecido nos conflitos entre o Sahara Ocidental e o Marrocos, importa referir que as consequências deste impasse são várias; mas um dos grandes problemas é sem dúvida a questão dos refugiados Saharuis, que fogem a marginalização das forças marroquinas.

Na perspectiva de Mello (2018), a região não ocupada do Saara Ocidental se localizam as Unidades Militares conforme estavam dispostas por ocasião do cessar-fogo. Lá permanecem alguns militares que, em esquema de rodízio, se revezam entre as inóspitas instalações esparsas no meio do deserto e os campos de refugiados na Argélia. A população que vive nos campos de refugiados se mantém sob a permanente assistência das agências humanitárias da ONU, enquanto aguardam que o referendo proposto desde a década de 1970 do século passado venha a ser posto em prática.

A MINURSO³ tem sido muito bem sucedida no que concerne ao monitoramento do cessar-fogo, mas nem tanto em relação à redução do número de militares, retorno dos refugiados, desminagem, proteção dos direitos humanos e principalmente da organização do referendo de autodeterminação. De facto, não só não faz avançar o plano de paz cuja implementação seria a razão de ser da Missão, como ainda mantém essa parte vinculada a um cessar-fogo cujo resultado é a consolidação da situação que originalmente gerou a guerra (Barata, 2012).

³ Missão das Nações Unidas para o Referendo do Sahara Ocidental.

**CAPÍTULO III: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES
OBTIDAS POR INTERMÉDIO DE ENTREVISTAS**

CAPÍTULO III: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS POR INTERMÉDIO DE ENTREVISTAS

3.1. População e Amostra

A população é o total de indivíduos a serem estudados que possuem as mesmas características ou algum conjunto de especificidade (Marconi e Lakatos, 2010, p 101).

Para a referida pesquisa, a população foi compreendida por 10 (Dez) pessoas que desempenham este tipo de trabalho.

Tipo de Estudo

Qualitativo

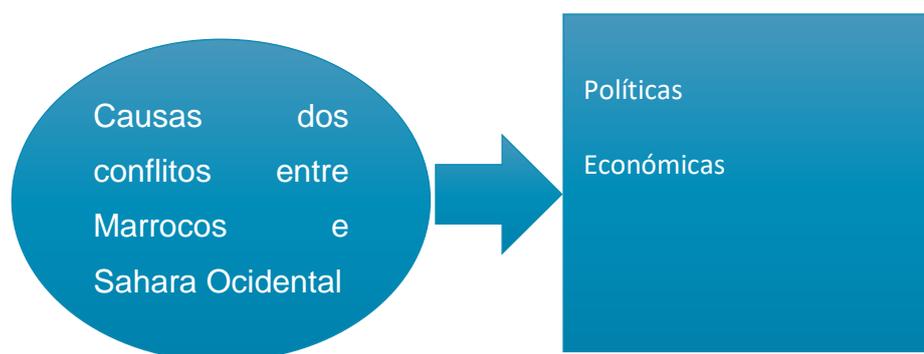
Segundo Alvarenga (2012), o enfoque qualitativo privilegia a mobilização de instrumentos/técnicas de recolha e análise de dados para aceder aos significados dos actores em estudo.

3.2 Caracterização da amostra

A amostra, pressupõe dizer com que parte da população se trabalhará.

Neste sentido, a nossa amostra foi, direccionada para 2 (dois) professores, 2 (dois) Estudante de história.

Esquema nº1 Causas dos conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental



Questão nº1

1- O que são conflitos?

De acordo com o **1E** conflitos são desavenças, desentendimentos ou contenciosos entre pessoas ou Estados. O Conflito podem ser de várias ordens; sendo elas de ordem política, económica, e de ordem geográfica.

Quais são as causas dos Conflitos entre Marrocos e o Sahara Ocidental?

Para o **E2** geralmente, as causas dos conflitos em África têm sido motivadas por factores de ordem geográficas, políticas, económicas e sociais. Mas no caso concreto do Marrocos e do Sahara Ocidental, os conflitos são devido as questões geográficas e económicas. Do ponto de vista geográfico, Marrocos reivindica o território do Sahara Ocidental desde a muito tempo, na perspectiva destes, a região do Sahara Ocidental é um território que pertence a Marrocos desde a muito tempo. Mas estas alegações dão-se sobretudo devido alguns recursos que começam a se despontar na região do Sahara Ocidental.

Na perspectiva do **3E** é de facto é inegável afirmar que a exploração de alguns recursos como o fosfato que é um mineral de grande valor comercial, utilizado, entre outros, para a produção de fertilizantes. Actualmente, o Marrocos explora o fosfato existente no território ocupado do Saara Ocidental, transportando por cerca de 130 quilômetros em esteiras rolantes, desde as chamadas minas de Bou Craa até o porto de *El Ayun*.

Questão nº2

Que análise fazes das posições dos actores regionais e externo dentro deste conflito?

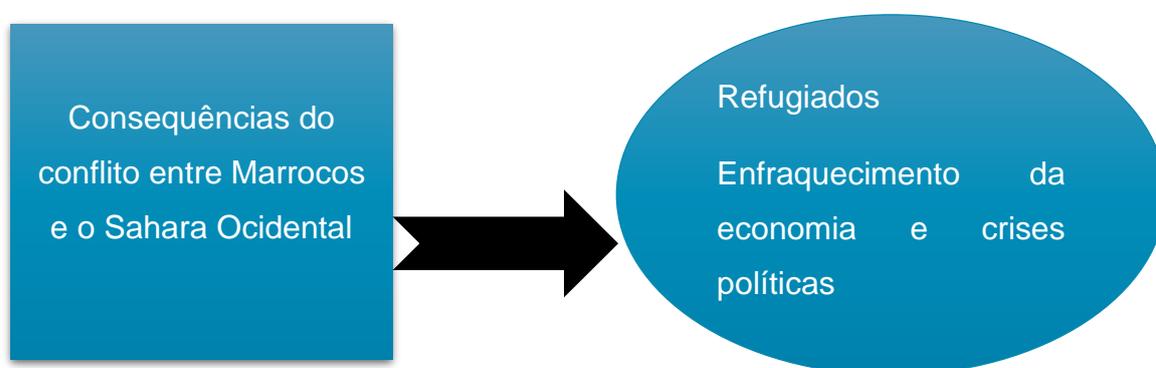
Segundo o **1E** para que se possam compreender as razões que levaram à invasão marroquina, é importante analisar previamente o contexto histórico, os actores internos e externos envolvidos e os interesses económicos existentes na região. Os actores internos que mais têm se destacado neste triste e longo conflito tem sido a Mauritânia e principalmente Argélia, que tem mantido uma postura firme face aos ataques e a ocupação de Marrocos.

Na perspectiva do **2E** desde o princípio do conflito, verifica-se que os interesses económicos, estratégicos e geopolíticos de importantes actores externos na região, principalmente da Espanha, França e Estados Unidos, fundamentaram a dinâmica que envolve a questão do Sahara Ocidental. Para além do factor territorial que deu início à pretensão marroquina pelo controle da área, a formação do “Grande Marrocos”, vê-se que o Saara Ocidental possui inúmeras riquezas naturais, as quais, por si só, materializam o interesse marroquino e de outros Estados na região.

Já o **3E** Na perspectiva do **4E** a motivação dos actores regionais e principalmente externos, baseia-se no facto de que, todos os aspectos históricos alegados, a intervenção externa no Saara Ocidental se deu por influência de grandes potências, que à época encontravam-se envolvidas na Guerra Fria. Além disso, existiam grandes interesses de ordem econômica, os quais persistem até os dias atuais: a exploração das maiores minas de fosfato do mundo.

Questão nº3

Quais são as consequências do conflito entre Marrocos e o Sahara Ocidental?



O **1E** falando sobre as consequências, afirma que mais de cento e sessenta e cinco mil refugiados saarauis vivem nos cinco acampamentos perto de Tindouf, na Argélia. Ali, embora a vida ter melhorado nos últimos anos, eles continuam na pobreza, vivendo com dieta rudimentar e poucas oportunidades. A pobreza, a fome e os milhões de refugiados nesta região, são algumas das consequências que este impasse apresenta.

Na visão do **2E** um dos grandes problemas dos conflitos serão as consequências que têm se verificado, há um número elevado de refugiados, crianças a viverem em condições preocupantes, a crise económica e a negação de um estado independente obriga os saharuis a lutarem dia após dias contra o governo marroquino.

Quais são os efeitos da União Africana dentro deste conflito?

Segundo o **1E** apesar dos avanços verificados nos últimos anos, existem desafios importantes em relação ao nível dos planeamentos estratégico, tático e operacional da missão. Uma das principais limitações da força de paz da UA no Marrocos e no Sahara Ocidental é a falta de mobilidade tática e estratégica, assim como a sua baixa capacidade de proteção à população civil. Pois sabe-se que Marrocos a muito que aprisiona a população saharai e a UA tem em algum momento sido impávida face a este problema.

Para o **2E** a OUA predecessora da união africana assumiu o processo de negociação entre as partes. Mas ao longo desses impasses, viu-se que a União africana tem participado nas mediações entre o Sahara Ocidental e o Marrocos. Os resultados que advêm dessas negociações não têm sido satisfatórios, a União africana como a maior tribuna da política a nível do continente, tem oscilado na pacificação e na ajuda ao Sahara ocidental em ser autodeterminante.

Já o **3E e o 4E** afirmam que desde sua criação, a União Africana (UA) assumiu a responsabilidade primária pela manutenção da paz e da segurança no continente africano, atuando em estreita cooperação com os mecanismos africanos sub-regionais existentes e com a própria ONU. Nesse sentido, buscando dar respostas mais assertivas aos problemas de segurança na África, a UA estabeleceu uma Arquitetura de Paz e Segurança Africana.

Que medidas a organização das Nações Unidas deveria tomar face a este conflito?

O **1E** diz que na década de 1950 demarcou o início dos esforços das Nações Unidas em promover a descolonização no mundo. Nela são elencadas variáveis essenciais para avaliar a possibilidade de independência dos que foram considerados Territórios não Autônomos, como por exemplo, capacidades de administração e defesa territorial, garantia da participação popular em processos eleitorais representativos, autonomia social e económica.

Para o **2 e** as Nações Unidas, na questão do Saara Ocidental é reconhecido o direito à autodeterminação da população saarauí. Visto que, em meio ao contexto de erradicação do colonialismo, a organização havia convocado o governo espanhol que inicie a descolonização do território em 1965 através da Resolução 2072 e no ano seguinte, a Resolução 2072 determina que seja tomada através de um referendo de autodeterminação.

Segundo o **3E** em 1988 a atuação das Nações Unidas, em conjunto com a OUA, foi decisiva para iniciar as negociações entre as partes culminando no cessar-fogo definitivo em 1991, ano em que se iniciou o mandato da MINURSO. Desde então, a missão tem logrado sucesso em garantir o cessar-fogo, desminagem do território de conflito e proteção dos refugiados saarauís.

Na visão do **4E** obre as consequências, vale apontar que na época da divulgação de algum relatório, de outubro de 1975, havia sido publicado também o relatório de uma Missão da ONU que visitara o território em maio do mesmo ano, que tinha como objetivo avaliar a sua situação política presente à época. Esse relatório apresentou em seu texto que a maioria da população do Saara Espanhol se manifestava a favor da independência. No momento em que esses fatos ocorrem, a história do Saara Espanhol sofreu uma brusca mudança, como será observado na seção seguinte.

CONCLUSÃO E SUGESTÕES

Conclusão

Após a conclusão do nosso trabalho, concluímos que:

A longa indefinição sobre o território do Saara Ocidental é resultado de uma série de factores. Os mais importantes foram a decisão da Espanha de entregar o território ao Marrocos e à Mauritânia, enquanto garantia à população nativa que realizaria o referendo, e o papel pouco incisivo das Nações Unidas, que foi por vezes omissa e até mesmo parcial em relação à questão.

Também constatou-se que, efectivamente, o conflito no território saarauí entre Marrocos e a República Árabe Saharaui se iniciou em 1976, após a assinatura do Acordo de Madrid. O referido acordo representou, na prática, uma afronta ao princípio da autodeterminação dos povos, estabelecido pela Carta da ONU, em 1945. Pois não reflectiu a vontade dos povos saharauis que lutavam para a conquista da sua independência.

Outrossim, o conflito no Sahara Ocidental, de momento ainda não tem uma solução plausível, por causa dos interesses multilaterais das grandes potências que estão envolvidas no conflito. Portanto, aquela geografia continua sendo nos tempos actuais, um dos últimos territórios a lutar pela sua independência.

Sugestões

Assim, tendo em conta a pesquisa realizada, sugerimos:

- Que se faça a inclusão do tema os conflitos entre o Marrocos e o Sahara Ocidental na cadeira de história contemporânea do instituto superior de ciências da educação Isced-Huíla.
- Que se aborde mais os assuntos que tem que ver com as questões dos conflitos em África sobretudo entre Marrocos e o Sahara Ocidental na cadeira de História de África III.
- Que os professores de forma geral desempenham um papel sem igual no acompanhamento dos seus alunos, em relação aos conflitos em África.
- Que se promova mais palestras, seminário, debates, e em outros espaços de ensino de forma a enriquecer o leque de conhecimento dos estudantes.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, M. (2012) *Metodologia de Investigação Quantitativa e Qualitativa. Normas e Técnicas de Apresentação de Trabalhos Científicos.* 2ªEd. Editora Assunção.

BALDUINO, S. (2015) *A Disputa pelo Território do Saara Ocidental e os Refugiados Saarauis dos Campos de Tindouf.* Universidade de Brasília.

CASAROTTO, A. & Dill, t. (2006) *Metodologia Científica.* Universidade do Oeste de Santa Catarina

ESTRADA, D. (2014) *Saara Ocidental: história, geopolítica e perspectivas da “última colônia”* Cadernos De Relações Internacionais, V. 7, N.1.

FERREIRA, S. (2015) *A Estratégia de uma Guerra Esquecida: fundamentos estratégicos aplicados à questão do Saara Ocidental.* Universidade Federal de Pernambuco; Departamento de Ciências Políticas.

FARIETA et all (2009) *O Papel Da Onu no Conflito do Sahara Ocidental.* Comunicação, Cultura e Política; Revista de Ciências Sociais.

GABRIEL, B. (2016) *Nacionalismos e Separatismos o Sara Ocidental, 40 anos de impasse.*

Gil, A. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa social.* São Paulo: Atlas.

MARTINS, R. (2010). *Como tornar agradável a elaboração de trabalhos académicos.* Ed. Juria

MOURA, G. (2015) *Manual Técnico de Metodologia Científica: Como desenvolver Pesquisas e Redigir Trabalho em Cursos de Graduação e Pós-Graduação*

LÓPEZ, G. (S/D) *A República Saharai, uma história de luta anticolonialista.*

MARCONI, E. LAKATOS, M. (2010) *Metodologia de Investigação Científica.*

SOUSA, F. (SD) *O Magrebe e a Europa Ocidental: Que contributos para a segurança do Mediterrâneo Ocidental?”*

VILAR, B. (2011) *Franquismo e Descolonização Espanhola em África. Universidade de Múrcia.*

ZOUBIR, H. (2001) *A Terceira via: Realpolitik frente a legalidade internacional. Nación Árabe.*

Outras Fontes

Sites Consultados

Almanaque Abril 2014, 40ª ed. São Paulo: Ed. Abril, 2014. -<http://www.eoearth.org>.

ARSO. Association de soutien a un référendum libre et régulier au Sahara Occidental, 2009. Disponível em <<http://www.freewebs.com/tobesaharawi/saharaoccidental.htm>. Acesso em 22/03/2015>.